

NA LUTA CONTRA AS DROGAS

CRACK

O PROBLEMA

É DE TODOS

Ex-viciada agora
sofre vendo a
filha no mundo
das drogas

FOTO: RICARDO MEDEIROS

Além de destruir famílias, droga aumenta problemas urbanos

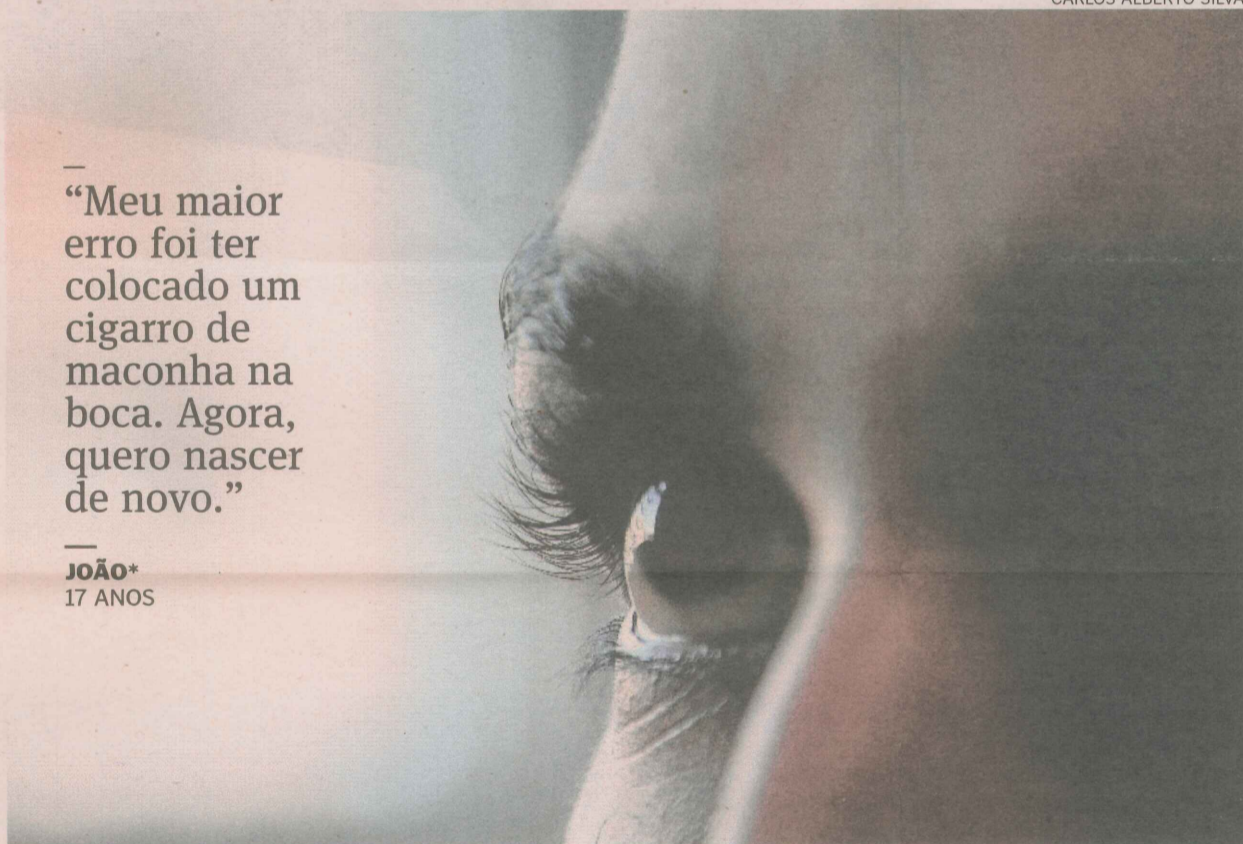


ANNY GIACOMIN
agiacomin@redgazeta.com.br

Alucinados, eles vagam pelas ruas e não respeitam ninguém. Suas vidas resumem-se à busca pelo seu único objeto de desejo: o crack. E eles já são tantos, que não é mais possível ignorá-los como se pertencessem a um submundo que não nos atinge. Os “noiados” ganharam áreas nobres e periferias e viraram um problema que, de uma forma ou de outra, toca a sociedade e é de responsabilidade de todos.

Além do sofrimento de famílias e amigos, a epidemia de crack - que já foi a droga dos pobres, mas hoje está em todas as classes sociais - significa aumento dos índices de violência, degradação do espaço urbano e toda uma geração perdida de crianças, que já nascem viciadas ou abandonadas pelos pais.

Somente no ano passa-



CARLOS ALBERTO SILVA

“Meu maior erro foi ter colocado um cigarro de maconha na boca. Agora, quero nascer de novo.”

JOÃO*
17 ANOS

do, o Estado gastou mais de R\$ 2,3 milhões em 2.817 atendimentos e internações de viciados. Parte da verba foi destinada ao Hospital dos Ferroviários, em Vila Velha, onde funcionam, desde 2009, oito leitos destinados a crianças e adolescentes usuários de drogas.

Rede Gazeta lança campanha

Hoje, data em que comemora 83 anos, a Rede Gazeta lança o projeto Rede Contra o Crack. O objetivo é promover o debate, formar parcerias e mobilizar a sociedade e os governos

na busca de soluções para reduzir o consumo e o tráfico de drogas, por meio da cobertura jornalística em todos os veículos da rede e da veiculação de campanhas publicitárias.

O serviço é voltado para internação e desintoxicação, e 80% dos pacientes são meninos, com em média 16 anos. São garotos como João*, 17 anos, que aos 14, já fumava maconha e bebia.

Como tantos outros, começou pela curiosidade. E viu a vida mudar de vez

quando conheceu o fristo, mistura de crack com maconha. “Eu tinha mais moral, mais conceito. Era popular. Fiquei três semanas sem ir pra escola”, conta.

Hoje, depois de duas semanas de internação, o sonho é voltar a ser o menino que era o orgulho da mãe. “Quero estar na igreja, dar um culto e ver minha mãe lá na frente. Ela já sofreu muito comigo”, admite.

DO LADO DO CRIME

Antes de procurar ajuda, João foi deixando as boas amizades de lado, perdeu a namorada e foi acusado de roubo dentro da escola. Chegou a ser preso, depois de encontrar no tráfico uma alternativa para sustentar o vício.

Na família, não faltaram “parcerias” para o mau caminho. “Meu primo usava pedra, e tenho um tio preso. Quase toda a família do meu pai é viciada ou já cometeu algum crime para usar droga. Queria roupa, queria dinheiro para comprar presente para a namorada. Apelei para o crime.”

12 SEGUNDOS

Tudo acontece em uma velocidade incontrollável.

CINCO MOTIVOS PARA ENTRAR NESSA LUTA

Como a epidemia de crack afeta a sociedade



1 Aumento da violência

O crack tem um poder viciante muito maior que as demais drogas. Os usuários perdem a noção do perigo e não se importam em cometer pequenos delitos para conseguirem dinheiro para comprar as pedras. Se fazem dívidas com traficantes, geralmente as pagam com a própria vida. Somente em junho, a Polícia Federal incinerou 2,5 toneladas de crack no Estado.



2 Degradação das áreas que viram cracolândias

As cracolândias passaram a ser uma realidade. A GAZETA identificou 24 pontos povoados por usuários de drogas e pequenos traficantes na Grande Vitória. Áreas que são sinônimos de medo e receio para quem tem que passar por ali ou mora próximo. Fora a sujeira e o mau cheiro, esses espaços têm sido utilizados para tudo, até mesmo sexo. O comércio também é afetado



3 O alto custo do SUS com o tratamento dos usuários

O tratamento de um usuário de crack não sai por menos de R\$ 39 ao dia, para o governo. Em casos específicos, como no Hospital dos Ferroviários, em Vila Velha - onde há leitos para tratamento e internação de crianças e adolescentes -, esse custo chega a R\$ 350 por paciente, por dia.

A22076-2

CARLOS ALBERTO SILVA



“Hoje saio daqui tranquilo, disposto a mudar. Eu fui uma decepção para minha mãe. Não quero mais ser isso”

PEDRO*
17 ANOS

10

reais
É o preço de uma pedra de crack, suficiente para três tragadas

33%

dos usuários de crack morrem nos primeiros 5 anos de consumo, segundo estudo da Unifesp

São 12 segundos de alucinação e uma vida inteira de arrependimentos depois. “A pessoa fica na compulsão e faz tudo para obter a droga. Envolve-se em situações de risco, assalto e homicídio. Fica vulnerável, subnutrida, igual a um zumbi”, explica Expedito Jorge Tavares, coordenador do Núcleo de Prevenção de Drogas da Polícia Federal no Estado.

Compulsão que Juliano*, 17, sabe bem como é. “Uma vez, tomei uma cartela de diazepam, duas cachacinhas e fumei fristo. Tentei matar meu pai e meu cachorro. Dei um soco na TV. E só me controlaram depois que chamaram a polícia”, lembra.

Quando mudou de cidade com a família, o garoto não se adaptou. Parou de ir à escola, começou a usar drogas. Pedro chegou a roubar para conseguir o crack. Não tinha forças, sozinho, para deixar as pedras de lado, mas pôde contar com a família.

Depois de 21 dias de internação, ele deixou o Hospital dos Ferroviários e foi direto para um projeto que conta com tratamento terapêutico. “Minha família me deu apoio quando disse que queria me tratar. Os primeiros dias foram sinistros, queria quebrar tudo.”

APOIO ESSENCIAL

Ter o apoio da família, como Pedro, pode fazer a diferença entre conseguir ou não derrotar o vício. “Nem sempre a família participa, o que seria fundamental para ajudar o usuário a enfrentar o mundo lá fora. Só a internação não é solução”, ressalta a coordenadora da UTCA do Hospital dos Ferroviários, Bárbara de Oliveira.

Como explica a socióloga e professora da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes) Marcia Rodrigues, a família deveria ser a primeira instância para dar referência a esses jovens. Mas não é isso que está ocorrendo, o que acaba produzindo uma gera-

ção perdida.

Como Simone*, 38, que hoje, após várias recaídas, comemora cinco meses sem usar o crack, mas vê seus erros cobrarem um alto preço: usou a droga durante a gravidez, abandonou os filhos pequenos por causa do vício e hoje vê a filha mais velha ir pelo mesmo caminho.

“Perdi meus filhos, né? Eles afastaram-se, e isso é muito triste. Agora vejo minha filha de 15 anos nessa. Ela usava entorpecentes escondida e só soube quando ela foi presa, há três anos”, lamenta.

Na primeira vez, a menina foi detida na escola, guardando uma arma para o namorado. Na segunda, estava traficando. Chegou a engolir quatro pedras de crack para não ir para a delegacia. Acabou no hospital.

FILHOS: AS VÍTIMAS

A dependência de filhos de mães viciadas em crack é ainda mais perigosa. O especialista em Dependência Química João Chequer explica que, desde que estava no útero, a filha de Simone já estava acostumada a utilizar o crack.

“Quando ela usou a droga aos 12 anos, se identificou com aquilo de forma maligna. Ela sente que já usou bioquimicamente o crack e a ligação dela com a droga é imediata e definitiva. É incontrolável”, diz João Chequer.

Simone espera por dias melhores, apesar de tudo. “Agora minha filha está em tratamento, assim como eu”, comemora. Mas a culpa não vai embora: “Se estivesse do lado dela, poderia ter sido diferente, ela se sentiria mais segura. Eu tive culpa, sim”, sentencia.

*Os nomes dos entrevistados foram trocados para preservar as identidades

gazetaonline.com.br/crack

Confira no site os locais onde obter ajuda e tratamento.



4 Geração perdida: crianças já nascem dependentes por conta das mães usuárias

Toda substância que circula no sangue da mãe passa para o feto. Ou seja, se a mulher usa qualquer tipo de droga, o neném também está usando; se ela entra em crise de abstinência, o bebê também. E como a criança começa a ser sensibilizada desde cedo para o consumo da droga, ainda no útero, quando estiver mais velha, se usar a substância uma vez só vai se identificar com ela. Além disso, a criança pode ter prejuízos físicos e cognitivos, já que o crack afeta a circulação cerebral



5 Seu filho também pode ser uma vítima

Os usuários de crack não fazem parte apenas das classes D e E, como muitos pensam. É cada dia maior o consumo entre pessoas de classe média e alta. A miséria e o desamparo radicalizam ainda mais essa situação. A família seria a primeira instância para dar referência. Mas como isso não está ocorrendo, produz-se uma geração sem referências, abandonada.

A demanda também está aumentando no interior.

O governo está investindo mais de R\$ 13 milhões para atender 27 mil pacientes até 2014.

Só no ano passado, foram gastos R\$ 2.328.275,22 com usuários de álcool e outras drogas no Estado.